

O MINISTÉRIO DE ORDENADOS E NÃO-ORDENADOS À LUZ DO SACERDÓCIO UNIVERSAL DOS SANTOS

Sérgio Paulo Ribeiro Lyra, DMin

INTRODUÇÃO

Não é difícil constatar que existe uma dicotomia e, às vezes, frequentemente uma competição-preterição, entre o ministério ordenado e o ministério de outros servos na igreja, que para efeito de identificação denominaremos de não-ordenados, sem estabelecer classes espirituais. Esta diferenciação religiosa no povo tem suas raízes na própria nação de Israel. Isto não significa que inexistia em outros povos anteriormente, mas em referência ao cristianismo, foco do nosso trabalho, é em Israel a origem. Deus ao instituir o sacerdócio levita, jamais teve como propósito criar uma classe de “servos de primeira linha” em detrimento dos outros de segunda grandeza. Sem o povo, o serviço sacerdotal não tem sentido, tratava-se da ordenação do serviço, um modelo antecipado do que Cristo realizaria plenamente.

Assim, apenas com o propósito de identificação, partimos da definição de que não-ordenado é o servo eleito por Deus e não institucionalmente consagrado ao ministério pastoral. Sabedores da ampla gama de possibilidades e assuntos correlatos que a questão do leigo suscita, o escopo deste artigo se limitará a abordar o assunto através de uma perspectiva histórico-pastoral, identificando aspectos importantes da área da missiologia. Como fator escrutinador, optamos pela ótica da polarização *movimento versus institucionalização*, adotada pelo missiólogo David Bosch em seu livro *Witness to the World*¹.

Tal prisma nos levará a observar o desenvolver histórico avaliando o aumento do ardor e ações missionárias, em contra partida da institucionalização que surge e, via de regra, calcifica o movimento. Para tanto, em busca de identificar um equilíbrio sadio, doutrinário e prático, da participação do leigo na tarefa missionária, e vendo o leigo como membro da Igreja, e esta como agência divina participante da *Missio Dei*.

Inicialmente, apresentaremos uma síntese do surgimento do ministério ordenado no AT, para dela analisar com mais detalhes o assunto no NT, dando principal destaque ao período da Igreja Primitiva. A partir daí, passando a adotar a lente avaliadora proposta por Bosch, dividimos o período histórico subsequente, apenas para efeito de estudo, em três: A era Constantino, de 313 até a pré-reforma; A reforma protestante e a pós-reforma de 1500 à 1850 e o terceiro período das missões modernas iniciadas com Carey até hoje. Por fim, concluímos demonstrando a necessidade de um equilíbrio saudável entre não-ordenados e ordenados como fator indispensável na ação missionária Reformada, tanto por princípios teológicos quanto por adequabilidade ao momento hodierno da evangelização.

1 - O SURGIMENTO DE UMA CLASSE RELIGIOSA ORDENADA NO AT

¹ David Bosch. *Witness To The World*. Atlanta: Jonh Knox Press, 1980

É enfático o ensino bíblico de que para Deus não há acepção de pessoas (Rm 2.11; Ef 2.13-16). Contudo, é a mesma Bíblia que revela o próprio Deus escolhendo homens e mulheres para propósitos específicos (Jz 4.4-5; Je 1.4-5; Rm 16.1-2). No desenrolar da história, é provável que o povo judeu tenha confundido a escolha sacerdotal divina que lhe torna “luz às nações” (Is 49.6), com as funções das classes sacerdotais pagãs². Tal miopia do plano divino (Is 42.19-25), fez surgir uma classe especial de religiosos, distintos do povo por sua suposta posição privilegiada perante Deus. Este falso conceito sacerdotal, porém, não encontra eco nos registros da história Bíblica em seus primórdios, pelo menos até o advento da lei de Moisés.

1.1 – De Adão a Aarão: Apenas Não-ordenados

O livro de Gênesis relata com riqueza de detalhes a ação de Deus na raça humana, utilizando pessoas que poderíamos, sem restrição alguma, chamarmos de não-ordenados. Tratam-se de pessoas que, vivendo a realidade de qualquer outro da sua época, estando a diferença apenas no adequado relacionamento que mantinham com Deus. Enoque andou com Deus (Gn 5.22), Abraão um homem rural que, pela fé, submeteu-se à ordem divina (Gn 11). Jacó, um enganador trapaceiro e desonesto, foi tocado por Yahveh e tornou-se o pai de Israel, mas continuou a ser um administrador de rebanhos. José, vendido como escravo para Egito, foi elevado por Deus à função de vice-governador, desempenhando importante papel na história. Estes e muitos outros estavam envolvidos com o *modus vivendi* de suas respectivas épocas e culturas. Todos, porém, eram servos não-ordenados, sem ofício ordenado, mas participantes do plano eterno de Deus, onde a relação é pessoal.

No início de Israel, a relação com Deus era um assunto familiar. Segundo o comentarista A. R. Buckland, “nos tempos dos patriarcas, o chefe da família, ou da tribo, operava como o intermediário representado a sua família diante de Deus”³. O mesmo autor afirma que durante o cativeiro no Egito, tal função foi deturpada e parcialmente o povo absorveu a posição do sacerdote egípcio, descaracterizando a relação familiar com Yahveh. Em consequência disto, no êxodo, porque “havia israelitas que detinham e exerciam esse direito de sacerdócio, tornou-se necessário designar institucionalmente uma ordem especial para desempenhar os deveres sacerdotais”⁴.

1.2 – Levitas, Sacerdotes e Profetas

É no contexto de educar e mostrar ao povo como cultuar e adorar a Deus, do jeito que o próprio Deus se agradava, que deve ser entendido a escolha da tribo de Levi para o ministério sacerdotal. Essa tribo não era uma classe superior de adoradores em Israel, eram servos que corrigiam uma distorção introduzida na maneira correta de se relacionar com Deus – a absorção de ritos e formas pagãs do Egito no culto a Yahveh. Com isto, o Senhor introduziu a figura do sacerdote, separado, mas homem igual aos seus irmãos, podendo ter família, viver socialmente, etc. O sacerdote tinha o objetivo de servir o povo em relação ao culto a Deus. Além disso, o plano redentivo de Deus, logo nos primórdios, revelou a necessidade

² A.R. Buckland. Dicionário Bíblico Universal. Lisboa: Livraria Evangélica, 1929

³ Buckland, Dicionário Bíblico Universal

⁴ Ibid.

de um mediador, como consequência do pecado que separou o homem do seu Criador. A figura do sacerdote também se constitui um tipo do modelo mediador perfeito que é Cristo. A eleição dos levitas para essa obra, por preconizar tal figura, exigia um padrão que os distinguiam do povo, um padrão modelar a ser imitado, pois para tal função eram ordenados.

Com este pano de fundo em mente, podemos melhor entender o primeiro ato de ordenação que aparece na Bíblia e o trágico evento da morte de Nadabe e Abiú, filhos de Aarão (Lv 8). Eles introduziram “fogo estranho”, algo que talvez herdaram do Egito, e ao não seguirem as instruções de Yahveh dadas por Moisés, ambos foram mortos por Deus⁵. Este fato carece de reflexões teológicas mais profundas, que por não ser o foco de nosso estudo, limitar-nos-emos a identificar, sem discutir, três considerações sobre o aspecto do serviço sacerdotal.

- 1) O sacerdócio é modelar, é exigido santidade pessoal do sacerdote e conformidade com o que foi divinamente estabelecido para que aquele possa conduzir o povo à santidade e em santidade;
- 2) Não havia privilégios de Deus para os sacerdotes, mas um serviço especial, não havia acessos especiais a Deus, a mediação e sacrifícios eram para eles mesmos e para todo povo;
- 3) A ação sacerdotal e litúrgica dos levitas era para o povo de Israel e, ao mesmo tempo, o próprio Israel foi feito povo sacerdotal às nações (Ex 19:6).

Ao passo que o sacerdote apresentava “coisas, dons, ofertas e sacrifícios do homem para Deus”⁶, o profeta exercia a função inversa, revelando Deus ao homem. De início, o profetismo em Israel surgiu como uma ação reguladora da monarquia, tendo como sua figura primeira o sacerdote-profeta Samuel. O profetismo não se originava por herança familiar, mas pela livre escolha de Deus. A voz do profeta era advertência, denunciadora do erro e convidativa ao arrependimento, quer seja ao povo, quer à realeza ou aos sacerdotes. Diferente do sacerdote, a vida do profeta se identificava muito mais com a do povo, eles foram chamados por Deus das mais diversas classes⁷.

Digno de nota é o caso do profeta Amós. O texto no qual ele declara: “Eu não sou profeta, nem discípulo de profeta, mas boiadeiro e colhedor de sincômoros” (Am. 7.14), nos dá a clara instrução que em sua época, já havia se instalado em Israel uma espécie de dinastia profética e também uma escola de profetas. Amós, porém, poderia ser considerado um “profeta leigo”, mas que, nem por isso, sua autenticidade e autoridade profética poderiam ser questionadas, inclusive pelo rei (Am 7.12-13), elas haviam sido dadas a ele por Deus. Por outro lado, a figura do profeta, de forma análoga a do sacerdote, representava alguém em relação próxima e direta com Deus, e também antecipava outro ofício de Cristo, o profeta que revelaria plenamente Deus aos homens (Hb 1.1-4).

⁵ William S. Lasor, David A. Humbard e Frederic W. Bush, Introdução ao Antigo Testamento. SP: Edições Vida Nova, 199

⁶ Lasor, Humbard e Bush, Introdução ao Antigo Testamento

⁷ Ibid.

Podemos assim perceber, com estas poucas abordagens, que o propósito divino, revelado no AT quanto o estabelecimento de ofícios não foi o de institucionalizar classes religiosas especiais e superiores. Mas, através do sacerdócio e dos profetas, além de ministrar as reais necessidades espirituais do seu povo, delinear o ministério do Messias, Varão perfeito, Profeta e Sacerdote eterno, o qual seria o único mediador que levaria os assuntos e realidade de qualquer pessoa a Deus (I Tm 2.4), e de Deus traria toda a revelação divinamente estabelecida (João 17).

2.3 – O Caso Neemias: Um Copeiro Restaurando a Cidade

A restauração do povo Judeu na fase final do cativo babilônico é particularmente interessante para o nosso estudo. Os judeus que foram deixados em Jerusalém por Nabucodonosor estavam vivendo na miséria e desgraça, à mercê de exploradores e de homens perversos (Ne 1.3; 5.1-5). O restante do povo, a melhor estirpe levada cativa, ainda sofria o cativo babilônico, embora já gozassem de um afrouxamento concedido pelo rei persa. É nessa circunstância que Deus fez o coração de um copeiro, um servo fiel sem ofício ordenado, se agitar em prol de uma missão.

Material para a reconstrução da cidade, cartas aos governadores das províncias, guardas de proteção, enfim, um plano estratégico de missão bem elaborado foi delineado. O fato de Neemias ser um leigo, não implicava em comunhão diminuída ou deficitária ou ainda carente de mediação (Ne 1.4-11; 2.4). Há praticamente 70 anos o povo de Israel estava privado do serviço sacerdotal, contudo é exatamente nesse contexto que o ministério de Neemias se mostra efetivo, o início de uma verdadeira reconstrução integral.

Neemias não reconstruiu apenas os muros e edificações da cidade, ele também investiu nas estruturas sociais e espirituais. Ele sabia que a Palavra de Deus levada seriamente produz mudanças. É desse relato bíblico onde, já no AT, podemos encontrar um equilíbrio dos ministérios leigo e ordenado. Neemias solicita a intervenção e a ajuda do sacerdote e escriba Esdras, o qual havia preservado os escritos de Yahveh. O missiólogo Roger Greenway, ao comentar o caso Neemias, afirmou: “ele colocou as escrituras nas mãos dos não-ordenados”⁸, e isto gerou toda a força produtiva para três restaurações: a cidade, as estruturas sociais e a vida espiritual do povo.

2 - DA IGREJA DO NT ATÉ A IGREJA DA PRÉ-REFORMA

A partir da formação do corpo apostolar, pode ser identificada uma quebra no status quo religioso sacerdotal estabelecido na nação de Israel. No ministério de Jesus pode, e deve, ser visto como a destituição de qualquer classe religiosa privilegiada. Os apóstolos escolhidos pelo Senhor não eram de linhagem sacerdotal ou profética, eram homens do povo, não-ordenados, trabalhadores de diversos segmentos. Foi através da ministração exemplar de Jesus que seus discípulos puderam ver e experimentar os valores do Reino de Deus, onde “o que quiser ser o maior entre vós, seja este o que vos sirva” (Mt 20.26). Ninguém recebe um “cargo”

⁸ Roger S. Greenway. Apóstoles a la Ciudad – Estrategia Biblicas para Misiones Urbanas. Grand Rapids: Subcomission Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1981

no Reino por direito de nascimento biológico ou distinção (Mc 3.35). Apenas os que “nasceram da água e do Espírito” podem ter missão no Reino (Jo 3.5). Após a crucificação de Jesus, o véu do santos dos santos foi rasgado como símbolo da extinção da figura sacerdotal humana mediadora. Cristo, então, assumia o seu ofício perpétuo de Sumo-sacerdote (Hb 4.14-16). O Espírito Santo em poucos dias inauguraria, o sacerdócio de todos os crentes em Cristo através da igreja (At 2.16-21; I Pd 2.8-9).

2.1 – O Modelo da Igreja Primitiva

É correto afirmar que no início da igreja não havia distinção entre ministério ordenado e ministério leigo. Fato também era a proeminência do ensino dos apóstolos como preservadores credenciados da doutrina de Jesus. Com o passar do tempo, textos como o de Atos 6 fala da eleição e ordenação de diáconos, e mais posteriormente a primeira carta de Paulo a Timóteo relata a ordenação de Timóteo ao ministério pastoral pelo presbitério (I Tm 4.14). Estes textos testificam que na igreja primitiva havia ministros ordenados e ministros não-ordenados. Contudo, diferente das atribuições dos sacerdotes do AT, a ação de obreiro ordenado é voltada para o serviço da Igreja, como membros que cooperam juntos com os demais para a edificação. Ao falar dos ministérios de sustentação na igreja, Paulo explicita com detalhes a finalidade:

Com vista ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguem à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não sejamos como meninos, agitados de um lado para o outro e levados ao redor por todo vento de doutrina... (Ef 4.12-14).

A igreja Primitiva também foi ensinada a conferir honra aos ministros que a serviam (Hb 13.7; I Tm 1), porém, isto jamais objetivava a instituição de privilégios não compartilhados pelos “cristãos comuns”, nem a existência de uma classe especial de religiosos. O reconhecimento era ao serviço de servos dedicados (I Pd 5.1-2).

Quanto a ação dos não-ordenados missionários informais, como são chamados por Michael Green⁹, a igreja não fazia uma distinção de importância entre eles e os ministros de “tempo integral”. Interessante registrar que quando se tratava da obra missionária de evangelizar, homem ou mulher não faziam diferença ou sequer havia restrições. A grande ação missionária de Igreja em seus primórdios, foi fruto do trabalho de “cristão comuns”, que sendo comerciantes, escravos, funcionários do império romano, proprietários rurais, etc., se utilizaram de suas mobilidades e atividades para verbalizarem a fé cristã. Embora seja o apóstolo Paulo a figura que se destacou como o grande missionário da igreja, o NT não deixou de registrar mais de 30 cooperadores não ordenados que eram indispensáveis à obra das missões. Johannes Bavink, o pai da ciência de missões, escreveu: “Quando Paulo fala, ele usualmente pensa, antes de si mesmo, nos seus apóstolos companheiros e nos numerosos companheiros colaboradores que o ajudavam”¹⁰.

⁹ Michael Green. Evangelização na Igreja Primitiva, SP: Editora Vida Nova, 1989

¹⁰ Johannes H. Bavink. An Introduction to The Science of Mission, NY: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1960

Tal afirmação deve nos levar a ver o livro de Atos não com apenas dos apóstolos, mas como “um livro de repetidas referências do uso de pregadores não oficiais”¹¹.

Por volta do ano 60 dC, a não distinção parece ter gerado problemas nas igrejas ao surgirem homens intitulando-se apóstolos e profetas, porém trazendo deturpações e heresias da verdade (II Co 11.5,13; 12.11; II Tm 4.1-4). Por causa disso e em busca de reservar a inteireza da doutrina cristã, a função do bispo, como pastor local e mantido pela igreja local, passou a ganhar importância. O segundo século da igreja é marcado por uma grande massa de missionários que o historiador Stephen Neill chama de “profissionais mantidos pela igreja” e também “não profissionais não-ordenados”¹². É a partir deste período que podemos perceber o delineamento de uma nova distinção religiosa privilegiada, fruto de uma necessidade institucional apologética. Os bispos passaram a exercer maior autoridade sobre suas igrejas. Começou assim, a ser construída, através da patrística, a instituição igreja.

2.2 – O Surgimento do Clero e o seu Desenvolvimento

A urgência de se tratar os problemas de deturpação doutrinária advindos do próprio seio da Igreja, acrescido ao fato de ter que se defender dos ataques externos, provocaram cada vez mais a necessidade do bispo defender e firmar a igreja que pastoreava. A Igreja do segundo século iniciou a construção de uma forma de governo que em breve seria reconhecida como “bispo monárquico”¹³, ela estava por criar, à princípio por motivos prementes e justos, uma verdadeira casta de religiosos que colocaria o ministério dos não ordenados no ostracismo por vários séculos.

Um evento, porém, tornou-se o marco definitivo para a instituição definitiva da igreja cristã. No ano 313, o imperador Constantino promulgou o edito de Milão que tornava o cristianismo *religio licita*¹⁴. A igreja outrora perseguida agora conquistava o império. O fator institucionalização começou a ganhar proporções galopantes e a balança sacramentalizou o ofício bispal.

Surgiu então em Nicéia, o primeiro concílio ecumênico. A questão ariana envolveu 318 bispos, e o imperador Constantino abriu e apoiou o concílio. O estado passou a prestigiar o cargo religioso¹⁵. O movimento do cristianismo passou a sofrer as consequências da calcificação. O ponto alto ocorreu em 380, quando o imperador Teodósio declarou o cristianismo a religião oficial do império. Os bispos receberam poder judicial civil, além das exclusivas autoridades eclesiásticas¹⁶. O leigo era então, apenas um cidadão, ofertante, aprendiz e submisso à igreja, uma classe diferente e inferior de membro da igreja.

Com a institucionalização da igreja e sua incorporação ao império romano como religião oficial, o cristianismo tornou-se a religião do status-quo. Seus adeptos se avolumaram rapidamente, sem refletir o resultado de uma conversão verdadeira.

¹¹ Ibid.

¹² Stephen Neill. História das Missões Cristãs. SP: Edições Vida Nova, 1989

¹³ Kenneth C. Latourette. A History of Christianity. NY: Harper Collins, 1975

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ Ibid.

A cristianização tornou-se então “aderir a uma religião”¹⁷. Neste mesmo período surgiu o monasticismo, com a grande marca da ordem beneditina, uma reação ao engessamento eclesiástico, mas que não deixava de ser um movimento de ordenados. Este movimento marcou definitivamente o trabalho missionário por séculos. Os monges foram, praticamente, os grandes missionários da Igreja Católica, e os responsáveis pelo anúncio da fé católica em praticamente todo continente europeu, tendo atingido também parte da Ásia¹⁸.

Se a igreja primitiva se utilizou amplamente dos não-ordenados na evangelização pela amizade “com demonstração de santidade e vida”¹⁹, ao longo do tempo podemos verificar que a estratégia não foi repetida. No século V, alguns povos não cristãos da Europa considerados bárbaros, sofreram uma verdadeira invasão de padres e bispos que levavam a cultura europeia junto com o cristianismo a ser comunicado²⁰. Além disso, a Igreja como instituição, atrelada ao poder civil por muitos séculos, provocou uma tensão entre o anúncio da fé pela influência, e as vezes até pela força, em associação da pregação do evangelho do amor. Essa tensão chegou ao cúmulo com extremos vergonhosos nas cruzadas da Idade Média, 1100 dC, as quais foram um misto de fé fanática, “ardor missionário”, romantismo, ambição de fama e poder, etc., gerando desgraças e muitas inimizades em nome do cristianismo²¹. Os não-ordenados eram apenas “soldados da Igreja”²². Já a estratégia dos monges foi a de duplicação de seus mosteiros, a educação e obras beneficentes em conjunto com a pregação cristã, produzindo bons resultados. Sendo cada novo mosteiro um novo celeiro de ordenação de monges, isto gerou uma cadeia de reprodução que se mostrou frutífera para a época. Merece ainda registro o fato de que a atividade missionária da Igreja no período em foco foi praticamente realizada pelo clero, ao contrário do que ocorreu nos 250 primeiros anos, com raras exceções como o caso de Raymond Lull e poucos outros²³.

3. A REFORMA PROTESTANTE: O RETORNO DO MINISTÉRIO PLURAL

Por séculos a Igreja Católica Romana considerou o papa, bispos, monges e padres como uma classe diferenciada de pessoas. Priorizava-se o clero ou participantes do “estado espiritual” em detrimento dos demais, que faziam parte do “estado temporal”, uma espécie de pessoas passivas que deveriam ser submissas, e careciam da intervenção, mediação, ensino e bênção dos “espirituais”, os membros do clero²⁴. Os reformadores contestaram esta ideia distorcida da autoridade e sacerdócio exclusivo de uma classe especial, como sendo uma grande discrepância do ensino Bíblico. É a partir da reforma que se pode delinear o surgimento de um

¹⁷ Bosch. *Witness To The World*

¹⁸ Ralph D. Winter. *Períodos da História Missionária em Missões Transculturais: Uma Perspectiva histórica*, Editor Ralph D. Winter. SP: Editora Mundo Cristão, 1987

¹⁹ Green. *Evangelização na Igreja Primitiva*

²⁰ Neill. *História das Missões Cristãs*

²¹ *Ibid.*

²² Latourette. *A History of Christianity*

²³ Ruth A. Tucker. *Até os Confins da Terra – Uma História Biográfica das Missões Cristãs*, SP: Editora Vida Nova, 2010

²⁴ Latourette. *A History of Christianity*

“movimento” que busca restaurar o equilíbrio, corrigindo uma distorção secular que alijou a participação missionária leiga da vida religiosa.

Durante os duzentos primeiros anos após a reforma protestante, a grande ênfase missionária ainda recaía sobre a ação da Igreja Católica. Segundo Kane “o desenvolvimento das missões católicas romanas coincidiu com a expansão além mar dos impérios de Portugal e Espanha”²⁵. A ação missionária protestante, na busca de consolidar o seu espaço no continente europeu e ainda fortemente influenciada pela sua teologia reinante, só veio a tomar vulto por volta da metade do século XVIII.

Ao contrário do que se poderia pensar, a reforma protestante não produziu uma redução drástica de cristãos romanos. Nessa mesma época da pós-reforma, a expansão missionária católica assumiu proporções significativas no Japão com os jesuítas, na China com Mateus Ricci, nas Filipinas com Legaspi, na Índia com quase todas as ordens, nas Américas, etc²⁶. Esta ação católica se deve fortemente às ordens católicas, trabalho de padres e noviços e irmãos não-ordenados. Tão intenso foi este trabalho que Kane registra que antes da expulsão dos jesuítas, em suas reduções, foram batizados quase um milhão de índios²⁷.

3.1 – A Doutrina do Sacerdócio Universal de Todos os Santos

Os reformadores não puderam concordar simultaneamente com o ensino bíblico e a existência do clero. Começando com Lutero, foi declarado que Cristo é o único mediador e que na Igreja cristã todos são sacerdotes²⁸. De mãos dadas com a doutrina do sacerdócio universal, estava, na percepção dos reformadores, a doutrina da suficiência das Escrituras, pela qual eles defenderam que todos os cristãos tinham o direito e privilégio de ler, entender e ser ensinado pela Palavra, sem a necessidade de um sacerdote ordenado. Martinho Lutero, ao escrever o seu Apelo à Nobreza da Nação Alemã, em 1520, declarou: que não há diferenciação de estado espiritual nos crentes e que não existe diferença entre eles exceto em suas funções²⁹. Baseando-se em I Coríntios 12:12-13, Lutero destacou que todos nós somos um só corpo, com cada membro tendo sua função através da qual serve os outros. Isto é consequência de haver um só batismo, um evangelho, e uma só fé (Ef 4.5) e todos serem de Cristo, e nele todos são iguais e atuantes uns nos outros. Ele concluiu afirmando que não existe verdadeira diferença fundamental entre pessoas leigas e sacerdotes, entre príncipes e bispos, entre aqueles que vivem em mosteiros e aqueles que vivem no mundo³⁰. A única diferença não tem nenhuma implicação com status, mas com o ministério que eles desempenham.

Na verdade, os reformadores não rejeitaram a ordenação de ministros da Palavra e suas responsabilidades sacramentais, a grande rejeição era assumir que um sacerdote, missionário, bispo ou monge por estarem totalmente envolvido com atividades religiosas, eram pessoas “mais próximas de Deus” e distintas das demais em autoridade e santidade, sendo esta última distinção, até um título que lhe era

²⁵ J. Herbert Kane. *A Concise History of the Christian World Mission*. Grand Rapids: Baker Books House, 1978

²⁶ Neill. *História das Missões Cristãs*

²⁷ Kane. *A Concise History of the Christian World Mission*

²⁸ Martinho Lutero. *Appeal to the German Nobility: Three Treatises*. Philadelphia: Fortress, 1973

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

designado³¹. João Calvino não defendia que todos os cristãos poderiam agir como um sacerdote. Nos seus ensinamentos ele afirmou: “Nenhum cristão, em sã consciência, faria todas as coisas iguais na administração da palavra e dos sacramentos, uma vez que todas as coisas devem ser feitas decentemente e com ordem, e, pela graça especial de Cristo, ministros são ordenados para tal propósito”³². Desta forma, a reforma restaurou o leigo como membro do Corpo de Cristo e, portanto, tendo ministério na igreja, assim como o pastor ordenado para o ministério da Palavra e ministração dos sacramentos. A pluralidade de ministérios, apenas deveria ser vista como distinção funcional. Os membros do corpo de Cristo reconquistaram pela reforma: (1) Autoridade para exercer a sua parcela de serviço na igreja em prol da edificação do todo. (2) Ler e examinar as Escrituras sem a tutela de uma classe especial. (3) Pelas mesmas Escrituras, até julgar e corrigir alguém que tenha sido ordenado. De acordo com Lutero, tais ordenados necessitavam ter o seu chamado reconhecido e aprovado pela igreja³³.

3.2 – Os Ministérios Eclesiásticos Não-ordenados de Calvino

Partido do pano de fundo no qual a Igreja Católica vivia a longa tradição milenar que ensinava existir vários ofícios no ministério sacramental, a teologia reformada causou grande impacto quando Lutero propagou o sacerdócio de todos os santos. Porém, foi João Calvino, com a sua doutrina da pluralidade dos ministérios eclesiásticos, que abriu definitivamente as portas para o ministério leigo participativo, diretivo e até disciplinador.

A modificação protestante foi decorrente da revisão na concepção do sagrado. Foi quebrada a dicotomia secular-sagrado, e conseqüentemente clero-povo. A designação “ministérios eclesiásticos” passou também a ser utilizada para “funções temporais tais como a administração do dinheiro e a caridade”³⁴. Ora, na teologia Católica Romana todas as funções administrativas, interpretativas da Palavra, sacramentais e disciplinares eram exercidas pelo clero e somente pelo clero ordenado.

Elsie McKee comentando a posição de João Calvino afirmou que Calvino, negando quaisquer diferenças essenciais entre os cristãos, admitiu que os não-ordenados também são ministros, não somente na vida particular, mas também na liderança da comunidade cristã³⁵. Estes ministérios plurais estavam mais relacionados com as funções necessárias da liderança eclesiástica. Os reformadores calvinistas, na verdade, não excluíram totalmente a ideia de clero, pois aos pastores ordenados foi reservada a ministração dos sacramentos e a pregação das Escrituras, e o laicato se ocuparia de todas as outras tarefas religiosas.

O ensino calvinista quanto aos ministérios plurais apresentava quatro ofícios eclesiásticos: Pastor, Mestre, Presbítero e Diácono. Porém, Calvino é o único a

³¹ Elsie A. McKee. Os Ofícios de Presbítero e Diácono na Tradição Reformada Clássica em Grandes Temas da Tradição Reformada, Editor Donald K. McKim, SP: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1998

³² McKee. Os Ofícios de Presbítero e Diácono na Tradição Reformada Clássica

³³ Ibid.

³⁴ Juan Calvino. Institucion de la Religion Cristiana, Grand Rapids: Subcomission Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1977

³⁵ McKee. Os Ofícios de Presbítero e Diácono na Tradição Reformada Clássica

defender que dos quatro, os ofícios não-ordenados de presbítero e diácono, são também permanentes³⁶. Assim, para os reformadores calvinistas, os ministérios cristãos não-ordenados de disciplina e caridade foram entendidos como ofícios da igreja e baseados na Bíblia. O leigo, com Calvino, voltou a ter participação ativa na ação, decisão e missão da igreja. Interessante é ainda a aceitação, por parte de Calvino, de mulheres no ofício diaconal. Embora ele não tenha enfatizado muito esta questão, os seus escritos claramente admitem que o cuidado a ser dispensado aos pobres foi confiado aos diáconos. Contudo, duas espécies são mencionadas na carta aos Romanos: “Aquele que dá, faça-o com simplicidade;... o que exerce misericórdia, com alegria” (Rm 12:8). Nas palavras de Calvino

Visto que é certo que Paulo está falando do ofício público da igreja, aqui tem de haver dois graus distintos. A menos que minha avaliação me engane, na primeira cláusula ele designa os diáconos que distribuem as esmolas. Mas a segunda refere-se àqueles que se dedicam ao cuidado dos pobres e dos enfermos. Nessa categoria estavam as viúvas que Paulo menciona a Timóteo (I Tm 5.3-10). As mulheres não podiam ocupar nenhum ofício público a não ser se dedicarem a cuidar dos pobres³⁷.

3.3 – Calvino: Missionários Ordenados e Não-ordenados

A maioria dos historiadores e missiólogos não identifica de imediato, um reflexo da doutrina reformada, gerando, no período da reforma, uma ação missionária do leigo. As modificações que ela provocou puderam ser sentidas mais explicitamente na soteriologia, e no seio da igreja reformada no que diz respeito ao governo e ministração da disciplina³⁸. Contudo, inquestionavelmente, foram os princípios da reforma que forneceram as bases para romper com o clericalismo sacramental católico e ao mesmo tempo abrir as portas para, progressivamente, o leigo voltar a exercer ministérios na igreja e na ação missionária.

Contudo, não é verdade afirmar que a reforma não produziu missões. Scott Simmons fez uma interessante pesquisa sobre a atividade missionária de João Calvino, onde o reformador é visto como o idealizador e formador de vários missionários reformados no continente europeu, sendo Genebra o centro do treinamento³⁹. Embora não tenha sido uma intenção primária de Calvino tornar Genebra um centro missionário, centenas de pessoas foram treinadas no que, na realidade já a partir de 1542, se tornou um centro de refugiados e treinamento missionário reformado⁴⁰. Atenção especial deve ser dado a dois fatos. Primeiro que o trabalho de Calvino e Farel gerou uma obra missionária na França, Holanda, Inglaterra, Escócia, Polônia e Hungria. Com atenção especial, Calvino viu a França como um campo a ser evangelizado e conquistado para a teologia reformada. Em 1553 Calvino começou a mandar missionários para a França com o propósito de plantar igrejas reformadas. Essa iniciativa missionária gerou um grande sucesso, produzindo no final de 1962, o impressionante total de 2.150 igrejas com cerca de três milhões de membros tendo a França na época uma população em torno de 20

³⁶ Calvino. Institucion de la Religion Cristiana

³⁷ Ibid.

³⁸ Bosch. Witness To The World

³⁹ Scott J. Simmons. John Calvin & Missions: His Theology and missionary Endeavor. Disponível em <https://truthplace.files.wordpress.com/2013/01/john-calvin-and-missions-a-historical-survey.pdf>.

Acesso em 18/02/2021

⁴⁰ Neill. História das Missões Cristãs

milhões⁴¹. O segundo fato que merece atenção é a expedição colonial francesa ao Brasil de 1555 empreendida por Nicolas Durand, o qual recebeu o título de “siuer de Villegagnon” de seu pai. Para esta expedição Calvino enviou missionários⁴².

Creio que a pesquisa oferecida por Simmons nos convida a uma reflexão mais detalhada face às críticas dirigidas a Calvino por tal empreitada missionária. Porém, para não fugir ao escopo estabelecido para o nosso trabalho, nos limitamos a registrar três aspectos da visão calvinista missionária:

- 1) O envio de missionário por Calvino foi sua resposta à solicitação do almirante Coligny que, por sua vez havia recebido uma carta de Villegagnon, já no Brasil, solicitando ministros para evangelizar os índios tubinambás⁴³.
- 2) Calvino “viu uma maravilhosa porta aberta para expansão de igreja de Genebra, e assim ele tomou as providências para organizar uma força missionária”. Desse esforço dois pastores e onze não-ordenados se voluntariaram para a missão, em uma clara consequência da doutrina do sacerdócio de todos os santos⁴⁴.
- 3) O trabalho da equipe foi basicamente em Fort Coligny, atual Rio de Janeiro, e o resultado em termos práticos pode ser considerado um fracasso. Mesmo não havendo a conversão de um único índio sequer, o trabalho missionário de um dos não-ordenados, um estudante de teologia chamado Jean de Léry, deixou-nos um bom exemplo do treinamento que recebera. Ele andou pelas vilas indígenas tomando notas dos costumes e crenças religiosas, e vendo boas possibilidades de evangelização. Léry escreveu: “se nós fomos capazes de continuar neste país por muito tempo, nós poderíamos conduzir e ganhar alguns deles (índios) para Cristo”. Segundo Simmons, “Calvino considerava Genebra um centro missionário para evangelização da França, do resto da Europa e até mesmo do Novo Mundo”, e a isto deve ser acrescentado o fato de que missões para ele, não era uma tarefa apenas de ordenados, mas também de não-ordenados treinados⁴⁵.

3.4 – O Ministério dos Santos na Reforma Puritana

De fato, a teologia puritana de alguns teólogos na Inglaterra se apresentou contrária a tarefa missionária transcultural. Em 1613, Jonh Gerhard dizia que “a ordem de pregar o evangelho por todo mundo terminou com os apóstolos. No seu tempo, a oferta de salvação fora feita a todas às nações”⁴⁶. Por outro lado, foi a ação puritana na Nova Inglaterra, que conduziu Jonh Eliot em 1632 a uma empreitada missionária entre os índios americanos.

A doutrina do sacerdócio de todos os santos, foi amplamente adotada pelos puritanos que continuaram a valorizar a atuação do ministro leigo na igreja, contudo em se tratando de missões, o missionário era, praticamente, sinônimo de ministro

⁴¹ Simmons. Jonh Calvin & Missions

⁴² Wiliston Walker. História da Igreja Cristã, SP: ASTE, 1967. vol 2

⁴³ Walker. História da Igreja Cristã

⁴⁴ Simmons. Jonh Calvin & Missions

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ Bosch. Witness to the World

ordenado.

Merece atenção especial a ação missionária do presbiteriano puritano Jonh Eliot. Nela verifica-se que sua estratégia missionária era parecida com a opção pela construção de reduções adotada pelos padres jesuítas. O método de Eliot consistia na criação de cidades cristãs, conhecidas como “cidades de oração” onde os índios convertidos eram ensinados doutrinariamente e aculturados ao “bom modelo inglês”⁴⁷. A grande diferença no modelo de Eliot e dos Jesuítas, era que Eliot sendo reformado e, portanto, não clerical, dedicou-se ao treinamento de obreiros autóctones. O historiador Stephen Neill registra que “em 1671 (Eliot) reunira cerca de 3.600 índios cristãos em catorze colônias e começara a formar pregadores índios”⁴⁸. No final de seu ministério, ele conseguiu treinar 24 índios pregadores ordenados e 13 pregadores não-ordenados.

É digno também de registro a questionada ação missionária dos chamados capelães holandeses, uma vez que sua clara intenção era a de dar suporte e apoio à comunidade reformada holandesa que a partir do século XVII se aventurou em viagens comerciais e colonizadoras, através da recém criada Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Herbert Kane, porém, defende a ação holandesa dizendo que “um dos objetivos era o de plantar igrejas de fé reformada em territórios de além mar”⁴⁹. Por outro lado o missiólogo Pierce Beaver questiona se tais capelães foram missionários autênticos, pois sendo pastores ordenados estavam diretamente relacionados com o cuidado da comunidade holandesa no estrangeiro⁵⁰. O que se destaca, é o fato das ações missionárias puritanas terem estado fortemente atreladas ao ministério ordenado, e via de regra, sem a perspectiva de utilização de não-ordenados.

4 – MISSÕES MODERNAS: TAREFA DE ORDENADOS E NÃO-ORDENADOS

É a partir do século XVIII com o surgimento do movimento pietista alemão, que as missões por parte de igreja oriundas da Reforma passam a ganhar vulto. O conde alemão Nicolaus Zinzendorf e sua comunidade moraviana em Herrnhut, tornam-se um celeiro de missionários⁵¹. Ao contrário das missões católicas e dos primeiros empreendimentos missionários dos puritanos, os moravianos eram não-ordenados em sua grande maioria. Eram homens simples e de diversas profissões que se submetiam a um treinamento missionário, para em seguida partirem ao campo. Optavam pelo auto-sustento como forma de manutenção e para estarem mais perto do povo que desejam atingir. Chegavam até a se venderem como escravos para evangelizar escravos⁵².

4.1 – O Mutirão Missionário dos Crentes de Herrnhut

⁴⁷ Ralph D. Winter “Períodos da História Missionária” em Missões Transculturais uma Perspectiva Histórica, Editor Ralph D. Winter, SP: Editora Mundo Cristão, 1987

⁴⁸ Neill. História das Missões Cristãs

⁴⁹ Kane. A Concise History of the Christian World Mission

⁵⁰ R. Pierce Beaver. “A História da Estratégia Missionária” em Missões Transculturais uma Perspectiva histórica

⁵¹ Tucker, Até os Confins da Terra

⁵² Ibid.

De grande Impacto foram as missões transculturais realizadas pelos moravianos. Nos seus 150 anos de esforços, nada menos do que 2.158 membros de suas igrejas foram para o estrangeiro como missionários⁵³. No início de sua dedicação à obra missionária, Zinzendorf não era ministro ordenado, ele fora discípulo das ideias pietistas de Francke e Spener quando estudava na universidade de Witenberg. O seu ideal de criar o centro “Atalaia do Senhor” – Herrnhut. Este centro produziu a comunidade Unitas Fratrum, que deixou um rastro de missões sem precedentes na evangelização do mundo após a era da igreja primitiva⁵⁴.

A ação missionária moraviana, ao passo que intensa e ardorosa, lançou mão abundantemente da disponibilidade de não-ordenados. Era dito que seus missionários saíam diretamente da “bancada do carpinteiro”⁵⁵. Tal fato gerou uma carência de preparação missionária mais adequada. Apenas em 1869, trinta anos após o início das atividades missionárias, é que veio surgir a primeira faculdade de treinamento para eles⁵⁶.

A atuação desses profissionais não-ordenados nas missões não se restringiu a um lugar específico. A disponibilidade de auto-sustento, fizeram com que o evangelho fosse por eles pregado em São Tomás nas Antilhas em 1732; na Groelândia em 1733; aos índios americanos em 1734; No Suriname em 1735; na África do Sul em 1736; aos Samoeidas do Ártico em 1740; na Argélia, Ceilão e Srilanka em 1740; na China em 1742; na Rússia em 1747 e no Labrador em 1752⁵⁷. De coveiro a lavrador, de sapateiro a oleiro, e até como escravo vendido, a grande maioria de missionários não-ordenados de Herrnhut, marcaram o recomeço de um mutirão missionário a todas às nações.

4.2 – A Ênfase em Ordenados no Século XVIII e XIX

Na Segunda metade do século XVIII, os grandes avivamentos produzidos pelo ministério de Whitfield na igreja da Inglaterra e depois por Jonathas Edward nos Estados Unidos, foram uma base de formação que contribuiu para o que seria chamado de “grande século das missões”⁵⁸. Já no final do século XVIII, em 1792, Carey fundava a sua agência missionária⁵⁹. O modelo de Herrnhut, porém, não seria duplicado no grande despertamento de missões que estava para ser iniciado com William Carey. O pêndulo *ordenados versus não-ordenados* estava propenso a enfatizar o ministério ordenado como mais “adequado” e preparado. O próprio Carey, com a sua iniciativa de instituir a Sociedade Batista Missionária, a fez tendo como seus primeiros membros ministros ordenados. Embora o primeiro missionário nomeado pela sociedade de Carey tenha sido um o médico-evangelista John Thomas, a história registra com abundância de pormenores, a clara preferências das sociedades missionárias por ministros ordenados, pois deles havia sido exigindo um

⁵³ Colin A. Grant. “Os Morávios na Europa: Uma Igreja Missionária Pioneira” em Missões Transculturais uma Perspectiva Histórica

⁵⁴ Tucker, Até os Confins da Terra

⁵⁵ Ibid.

⁵⁶ Ibid.

⁵⁷ Grant. “Os Morávios na Europa: Uma Igreja Missionária Pioneira” em Missões Transculturais uma Perspectiva histórica

⁵⁸ Latourette. A History of Christianity

⁵⁹ Ibid.

maior preparo teológico e conseqüente ordenação, e não raro alguma experiência em igreja, o que os tornavam mais “próprios” para serem missionários no exterior⁶⁰

No início do século XIX, as sociedades missionárias começaram a se multiplicar. As missões americanas, face ao maior número de universidades e centros de treinamento, optaram preferencialmente por ministros ordenados, pelo menos até a segunda década do século XIX quando mulheres solteiras começaram a se envolver com missões. O forte denominacionalismo americano deu ênfase ainda maior a essa preferência por ordenados. A polarização institucional missionária fez com que nos meados do século XIX, missões chegassem a ser confundida com a expansão da denominação. Tal expansão exigia, como passo primeiro, a formação de novas igrejas e a conseqüente necessidade do missionário ser pastor ordenado da denominação que o enviara, o qual doutrinaria os novos e celebraria os sacramentos e implantaria a nova igreja denominacional.

A ação das agências inglesas, porém, optaram por utilizar mais da disponibilidade de pessoas não-ordenadas. Nesse período, a Sociedade Missionária Londrina – LMS experimentou um resultado surpreendente comparado com as demais agências. Ralph Winter abordando esse progresso, alegou que “em parte (o sucesso) é devido a estar livre de supervisão eclesiástica e em parte devido haver um equilíbrio entre o número de pastores e o de não-ordenados que a compõem”⁶¹. Kane registra que “A LMS enviou para os mares do sul em 1896 trinta missionários, porém destes apenas quatro eram ordenados e o resto eram artesãos”⁶². Ele relata ainda que “de 1815 a 1891 a Sociedade missionária da Igreja mandou 650 missionários, dos quais apenas 240 eram graduados em universidades (ordenados). Porém, a maioria dos missionários eram leigos, ministros não ordenados”⁶³.

Apesar dos fatos não deixarem dúvidas da ênfase missionária em ordenados, não podemos afirmar que o século XIX caracterizou-se por ser marcado apenas pelo trabalho missionário desses ministros. Exemplo disto foi o que ocorreu no movimento metodista. Embora John Wesley preferisse que todos os seus pregadores fossem ordenados, em 1742 através do trabalho de Thomas Maxfield, um pregador leigo, surgiram muitos outros pregadores metodistas não-ordenados que na linguagem de Williston Walker “logo ocupou muita gente”⁶⁴. Posteriormente, em 1860 surgiria a Junta missionária de Mulheres Solteiras, em 1988 o Movimento Voluntário Estudantil e logo a seguir o Movimento Voluntário Leigo.

4.3 – A Participação das Mulheres e as Missões Femininas

Até a primeira mulher solteira se envolver diretamente com missões, via de regra, a participação feminina era feita através das esposas de missionários. Olhando o aspecto das responsabilidades familiares, a história é testemunha de que houve mais desvantagens e grandes limitações para o missionário casado, principalmente para as mulheres, em relação a tarefa missionária no campo. Ruth Tucker escrevendo um artigo sobre a Família de Carey, expõe com todas as letras

⁶⁰ Neill. História das Missões Cristãs

⁶¹ Winter. “Períodos da História Missionária” em Missões Transculturais uma Perspectiva Histórica

⁶² Kane. A Concise History of the Christian World Mission

⁶³ Ibid.

⁶⁴ Walker. História da Igreja Cristã

o lar “fora de controle” daquele conhecido missionário⁶⁵. A desvantagem também fica patente ao se verificar o número de esposas e filhos de missionários que morreram nos campos, sendo bem comum o missionário casar-se duas e até três vezes. George Grenfell, missionário na África em 1878, ao sepultar sua esposa disse: “Cometi um grande erro em trazer a minha querida esposa a este clima mortal da África ocidental”⁶⁶. Por outro lado, foi a família, especificamente as esposas dos missionários mortos pelos índios na “Operação Aucas” no Equador, que levou o evangelho àquele povo⁶⁷.

Tucker registra que Betsy Stockton foi uma negra americana ex-escrava que em 1823 tornou-se a primeira missionária solteira enviada para missões estrangeiras. Na verdade, ela se candidatou como missionária ao exterior e foi mandada pela Junta Americana apenas como empregada doméstica de um casal de missionários. Só depois de alguns anos é que foi utilizada como professora no Havaí. É ainda a historiadora Tucker, ao analisar a ação de mulheres solteiras em missões, que afirma o fato das agências missionárias que existiam na primeira metade do século XIX, considerarem as mulheres como “cidadãs de segunda classe”⁶⁸.

A ideia de uma agência feminina surgiu primeiro na Inglaterra e logo se espalhou por toda América do Norte. A primeira sociedade criada foi a Sociedade Missionária União de Mulheres, fundada em 1860 e oferecia tanto serviços missionários médicos como estudos da Bíblia. A participação de mulheres solteiras cresceu rapidamente devido ao surgimento de várias outras agências femininas. Em 1900 já havia mais de 40 agências, só nos Estados Unidos, e por volta de 1910, o número de mulheres protestantes no campo missionário ultrapassou o número de homens⁶⁹.

Há pelo menos três razões que levaram tantas mulheres para o envolvimento com missões. (1) Havia poucas oportunidades para a envolvimento feminino de tempo integral em ministério nas igrejas. (2) No campo missionário, praticamente não havia “santuários clericais eclesiásticos” que restringiam a ação feminina. (3) As missões no exterior permitiam que houvesse uma melhora na classe social das mulheres, através da carreira missionária⁷⁰.

O resultado do trabalho dessas mulheres leigas foi insubstituível, em alguns locais foi o trabalho feminino que trouxe o evangelho, superando as barreiras culturais e religiosas estabelecidas. Missiólogos como H. A. Tupper, secretário da Junta Batista do Sul para as Missões ao Estrangeiro escreveu: “Acredito que uma mulher solteira na China vale por dois homens casados”⁷¹. O trabalho e a ação missionária dessas mulheres se tornaram um precioso e indispensável apoio e alavanca para o desenvolvimento da evangelização e ajuda social no mundo. A ação

⁶⁵ Ruth Tucker. William Carey's Less-Than-Perfect Family Life. Artigo na revista Christian History, 1997

⁶⁶ Tucker, Até os Confins da Terra

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Ibid.

⁶⁹ Kane. A Concise History of the Christian World Mission

⁷⁰ Ibid

⁷¹ Winter. “Períodos da História Missionária” em Missões Transculturais uma Perspectiva Histórica

dessas milhares de missionárias foram um marco do que o ministério de não-ordenados pode produzir nas missões.

4.4 – O Surgimento dos Movimentos Voluntários

O Desenvolvimento do conceito de missões, já a partir do meado do século XIX, começou a refletir a ideia de uma tarefa não apenas de ordenados, mas da igreja como um todo. Isto fez surgir vários movimentos de utilização da mão de obra leiga nos empreendimentos missionários. Entre esses movimentos, merece uma abordagem mais detalhada o Movimento Voluntário Estudantil de Jonh Mott e o Movimento Voluntário Leigo que foi liderado por J. Campbell White.

a) O Movimento Voluntário Estudantil

A história das missões modernas reconhece que nenhum outro movimento exerceu mais influências na expansão mundial do evangelho do que o movimento missionário leigo dos estudantes. Com o lema “a evangelização do mundo nesta geração”⁷², milhares de estudantes se voluntariaram para a obra missionária.

O movimento teve suas raízes na conhecida “Reunião de oração do monte de feno” no William College em 1806. Desta reunião surgiu a Sociedade dos irmãos no seminário de Andover. Um membro dessa sociedade, Royal Wilder, em 1866, tornou missionário para a Índia pela Junta de Promotores de Missões Estrangeiras. Ao voltar aos Estados Unidos em 1886, Wilder fundou a Sociedade Missionária de Princeton. Esta sociedade atraiu estudantes para orar pelos missionários. Estava aí lançada as bases para o surgimento do Movimento Voluntário Estudantil. Foi em uma conferência no ano de 1888 que A.T. Pierson desafiou os estudantes a se envolverem com missões. Como resultado, 100 deles se apresentaram como voluntários⁷³.

No mesmo ano de 1888, cerca de 167 diferentes escolas foram visitadas por Jonh Forman Robert Wilder, filho de Royal, e como fruto do desafio, 2.106 estudantes ofereceram-se para o trabalho de missões transculturais. Escrevendo sobre as proporções desse movimento, Stephen Neill disse que “Até 1945, em um cálculo bem conservador, 20.500 estudantes de países cristãos, que haviam assinado o cartão de compromisso, chegaram aos campos missionários...”⁷⁴. Os efeitos desse movimento de não-ordenados foram incalculáveis, as agências de missões e as igrejas, passaram a compreender a importância do trabalho leigo, ao ponto da conferência de Edimburgo em 1910, ter sido idealizada e dirigida por Jonh Mott, o líder do Movimento Voluntário Estudantil.

b) O Movimento Missionário Leigo

J. Campbell White foi um dos líderes do Movimento Voluntário Estudantil que em 1906 fundou o Movimento Missionário Leigo. O grupo de oração monte de feno, mais uma vez, foi a raiz da formação desse movimento. Com o propósito de comemorar os cem anos de constância em oração daquele grupo, não-ordenados da Igreja Presbiteriana da Quinta Avenida de New York organizaram uma reunião de

⁷² Johannes Verkuyl. Contemporary Missiology, G.Rapids: Eerdmans Publishing Co. 1978

⁷³ Neill. História das Missões Cristãs

⁷⁴ Ibid.

oração para o dia 15 de novembro de 1906. Apenas quinze pessoas compareceram ao encontro. Após a reunião decidiram jantar juntos e conversar sobre missões. O resultado foi a decisão de formar um movimento leigo de apoio às missões⁷⁵.

A ideia do movimento não era a de ser uma agência missionária envolvendo não-ordenados para enviá-los como missionários, mas a de envolvê-los “colaborando com as agências das igrejas na ampliação da sua obra”⁷⁶. Esse movimento atuou debatendo o assunto de missões, investigando as condições de missionários no campo e agregando homens para contribuírem e cooperarem com suas habilidades na obra missionária. Campbell, explicou a importância do movimento, apresentando seis itens de argumentação que podem ser assim resumidos⁷⁷:

- (1) Missões é o maior desafio espiritual apresentado aos homens.
- (2) O Movimento faz as maiores exigências possíveis aos homens cristãos.
- (3) O Esforço para a evangelização do mundo apresenta a cada homem a maior oportunidade de servir, que ele pode ter em sua vida.
- (4) Quando levado a sério, o propósito de vida enfatizado pelo Movimento Missionário não-ordenado satisfaz as mais profundas ambições espirituais.
- (5) O Esforço de evangelizar o mundo apresenta os métodos mais rápidos e seguros de salvar a igreja.
- (6) Como todas as tarefas da igreja cooperam para a realização da evangelização do mundo, a unidade da igreja pode ser restaurada.

O Movimento Leigo foi uma forte associação de homens de várias igrejas que cooperaram com o grande propósito da evangelização através das agências eclesiais. Contribuíram, também, grandemente no apoio para implantação de métodos e sistemas de administração missionários, além do envio de recursos financeiros. Esse movimento demonstrou uma boa cooperação de trabalho missionário associativo entre ministros não-ordenados e ordenados.

CONCLUSÃO

A história é rica de fatos que demonstram a necessidade de um equilíbrio entre a utilização do ministério ordenado e o ministério de pessoas não-ordenadas nas missões. Muito ainda poderia ser dito acerca desses missionários, principalmente com o surgimento das “agências missionária de fé” que amplamente se utilizaram das diversas habilidades não teológicas para o serviço missionário. Polarizar a importância de ordenados ou de não-ordenados é perder a visão de um corpo complementar de membros, ou seja, um corpo que se completa pelas múltiplas habilidades, dons e diferentes serviços – ministérios, de seus membros⁷⁸. É através da história que se deve buscar o equilíbrio gerado pela “tensão criativa” sugerida por

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Neill. História das Missões Cristãs

⁷⁷ Verkuyl. Contemporary Missiology

⁷⁸ Cunha, Guilhermino, “O Dom, os Dons e o Fruto do Espírito Santo” em Fides Reformata, SP: Seminário José Manoel da Conceição, 1966, V I, nro 2

David Bosch entre movimento e institucionalização – no nosso caso uma tensão entre ministérios não-ordenados e ordenados⁷⁹. Esse equilíbrio criativo nos apresenta oportunidades, Impossibilidades e cooperação de ações missionárias.

A partir da década de 1970, muito se tem escrito sobre a oportunidade de utilização de não-ordenados com missões locais e transculturais, utilizando seus conhecimentos profissionais. Elias Medeiros escrevendo sobre a ação missionária brasileira, descortinou uma grande oportunidade de brasileiros, profissionais não-ordenados, em países muçulmanos e Africanos⁸⁰. Experiência como a de Ruth Siemens no Brasil, que sendo educadora e vivendo “das tendas que fabricava”, desenvolveu um excelente trabalho missionário fundando a Aliança Bíblica Universitária, demonstra as grandes oportunidades que se abrem para não-ordenados. Segunda ela, “as agências missionárias regulares (missionários ordenados) são o exército regular de Deus, mas necessitam de forças guerrilheiras que possam penetrar em países fechados e se infiltrarem em cada estrutura da sociedade”.

Por outro lado, seria incoerente não reconhecer a necessidade da ação de missionários teologicamente treinados e ordenados nas missões. Os desafios missiológicos para se implantar igrejas autóctones e doutrinariamente sadias, a necessidade de treinamento e as barreiras transculturais a serem transpostas, exigem um preparo que a grande maioria não dispõe. São impossibilidades para uns e possibilidades para outros. A igreja como o *laos* – povo de Deus, é por Ele mesmo capacitada com múltiplos ministérios e dons que a equipam para o cumprimento de sua natureza missionária, e quando colocados para trabalharem em conjunto geram o “ministério total da Igreja”⁸¹. Isto significa exatamente a prática da doutrina do sacerdócio de todos os santos, defendida pelos reformadores. Não existe no povo de Deus qualquer distinção entre clero e laicato. O que se verifica é a ação do Espírito Santo em todos e através de todos, fazendo na igreja membros comprometidos com Cristo, e dando a eles o privilégio de participar da *missio Dei*. Tal ação divina torna os cristãos uma “igreja-cruzando-fronteiras-na-forma-de-serva”⁸², que harmoniosamente abre espaço para a cooperação de ministérios de não-ordenados e de ordenados na missão preciosa de difundir o Reino de Deus, fazendo desta tarefa uma ação missionária mais efetiva e produtiva.

Solo Deo gloria!

Sérgio Lyra , DMin

⁷⁹ David Bosch. Missão Transformadora, São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002

⁸⁰ Elias Medeiros dos Santos, “Procuram-se Profissionais” em Missões e a Igreja Brasileira: Perspectivas Estratégicas, Editor Charles Timóteo Carriker, SP: Editora Mundo Cristão, 1993

⁸¹ Guilhermino, O Dom, os Dons e o Fruto do Espírito Santo

⁸² Bosch. Witness To The World

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Alen, Cliftons, editor. The Broadman Bible Commentary, Nashville: Broadman Press, 1973

Ayer, Joseph Cullen, A Source Book for Ancient Church History: From The Apostolic Age To The Close Of The Conciliar Period. NY: Charles Scribner's Sons, 1948

Baez-Camargo, G., The Earliest Protestant Missionary Venture in Latin America Church History, (Jul. 1952)

Bavinck, Johannes H., An Introduction to The Science of Mission, NY: The Presbyterian and Reformed Publishing Co., 1960

Beaver, R. Pierce, A História da Estratégia Missionaria em Missões Transculturais uma Perspectiva histórica, Editor Ralph D. Winter. SP: Editora Mundo Cristão, 1987

Bosch, David, Witness To The World, Atlanta: Jonh Knox Press 1980

_____, David Bosch. Missão Transformadora, São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002

Buckland, A. R., Dicionário Bíblico Universal. Lisboa: Livraria Evangélica, 1929

Calvino, João, Institucion de la Religion Cristiana, G.Rapids: Subcomission Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada,1977

Carriker, Charles Timóteo, Missão Integral da Igreja: Uma Teologia Bíblica. SP: Editora Sepal, 1992

Clark, David S., Compêndio de Teologia Sistemática, SP: Casa Editora Presbiteriana, 1965

Cunha, Guilhermino, O Dom, os Dons e o Fruto do Espírito Santo em Fides Reformata, SP: Seminário José Manoel da Conceição, 1966, Vol I, nro 2

Grant, Colin A., Os Morávios na Europa: Uma Igreja Missionária Pioneira em Missões Transculturais uma Perspectiva histórica, Editor Ralph D. Winter, SP: Editora Mundo Cristão, 1987

Green, Michael, Evangelização na Igreja Primitiva, SP: Editora Vida Nova, 1989

Greenway, Roger S., Apóstoles a la Ciudad – Estrategia Biblicas para Misiones Urbanas, G.Rapids: Subcomission Literatura Cristiana de la Iglesia Cristiana Reformada, 1981

Hierbart, Paul, An Anthropological Reflection and Missiological Issue, G.Rapids: Baker Books, 1994

_____ e Eloise Hiebert Meneses, Incanational Ministry: Planting Churches in Band Tribal, Peasant and Urban Society, G.Rapids: Baker Books, 1995

Howard, David, O Poder Estudantil nas Missões Mundiais em Missões Transculturais uma Perspectiva histórica, Editor Ralph D. Winter, SP: Editora Mundo Cristão, 1987

Kane, J. Herbert, A Concise History of the Christian World Mission, G.Rapids: Baker Books House, 1978

Lasor, William S., David A. Humbard e Frederic W. Bush, Introdução ao Antigo Testamento, SP: Edições Vida Nova, 1999

Latourette, Kenneth C., A History of Christianity, NY: Harper Collins, 1975

Lutero, Martinho, Appeal to the German Nobility: Three Treatises. Philadelphia: Fortress Press, 1973

McGrath, Alister E., A Better Way: The Priesthood of All Believer em Power Religion, Editor

Michael Scott Horton, O Cristão da Cultura. SP: Ed. Cultura Cristã, 2019

McKee, Elsie A., Os Ofícios de Presbítero e Diácono na Tradição Reformada Clássica em Grandes Temas da Tradição Reformada, Editor Donald K. McKim,. SP: Associação Evangélica Literária Pendão Real, 1998

Medeiros, Elias dos Santos, Procuram-se Profissionais em Missões e a Igreja Brasileira: Perspectivas Estratégicas, Editor C. Timóteo Carriker. SP: Editora Mundo Cristão, 1993

Neill, Stephen, História das Missões Cristãs, SP: Edições Vida Nova, 1989

_____ e Ruth Rouse, A History of The Ecumenical Moviment 1517-1948, Philadelphia: Westminster Press, 1967

Richards, Lawrevce O. e Gib Martin, Teologia do Ministério Pessoal: Os Dons Espirituais na Igreja Local, SP: Edições Vida Nova, 1981

Siemens, Ruth, Opções Seculares para o Trabalho Missionário em Missões Transculturais: Uma Perspectiva Estratégica, SP: Editora Mundo Cristão, 1981

Simmons, Scott J., Jonh Calvin & Missions: His Theology and Missionary Endeavor, (artigo editado pelo autor no site <https://truthplace.files.wordpress.com/2013/01/john-calvin-and-missions-a-historical-survey.pdf>). Acesso em 18/02/2021

Tucker, Ruth A., ...Até os Confins da Terra – Uma História Biográfica das Missões Cristãs, SP: Editora Vida Nova, 1986

_____, William Carey's Less-Than-Perfect Family Life, Christian History Magazine, 1997, nro 36

Verkuyl, Johannes, Contemporary Missiology. G.Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1978

Walker, Wiliston, História da Igreja Cristã, SP: ASTE, SP, 1967, vol 2

_____, A History of The Christian Church, NY: Charles Scribner's Sons, 1944

White, J. Campbell, O Movimento Missionário Leigo em Missões Transculturais uma Perspectiva histórica, Editor Ralph D. Winter. SP: Editora Mundo Cristão, 1987

Winter, Ralph D., Períodos da História Missionária em Missões Transculturais uma Perspectiva histórica, Editor Ralph D. Winter, SP: Editora Mundo Cristão, 1987